

II — PADRINHOS

1. Sobre o apadrinhar

A palavra padrinhos traz-nos ressonâncias que exigem um breve descascar do termo. Os nossos críticos — nas vestes de descendente do persa de Montesquieu ou do inglês dos *Cadernos do Major Thompson*, de Pierre Daninos — ao ouvirem falar de padrinhos não seriam, certamente, mentetransportados para S. Salvador da Bahia. Não julgariam que estariam num terreiro de orixás, aqui povoado por pessoas mais sofisticadas no vestir e no falar, onde os padrinhos seriam pais espirituais em umbanda celebração. Rapidamente perceberiam também que estes padrinhos nada têm em comum com aqueles outros de que a narrativa de Mario Puzo e as pinturas fílmicas de Coppola traçam retrato. Armados de caneta e da palavra, cultores do pensamento, capazes de experimentar a solidão acompanhada da escrita, em diálogo com outros Mestres e discípulos, guardadores da rica memória dos seus saberes, estes Padrinhos também desmentem o anglo-saxónico *Godfather*. O que temos é outra liturgia, onde se fala da caminhada já feita, onde se atesta o apresentado afilhado que se acompanhou, mas que teve de responder, nesta mesma Sala, em provas públicas, perante júris.

2. Sobre o elogio dos apresentantes

Ultrapassadas algumas objeções, resta ainda a maior de todas, que já referi no póstico discursivo. Esquecendo as limitações comprovadas do orador, maquilhadas pela benevolência do auditório, ecoa, de novo, a pergunta: que sentido tem a nossa tarefa, sabendo-se que os Apresentantes, foram, mais depressa ou mais devagar, percorrendo as várias etapas da difícil carreira académica, com mais trabalhos do que os do mítico Hércules?

Um dos Padrinhos de hoje, Vieira de Andrade, mandatado para o Elogio dos Doutorandos, sem desrespeitar a linha de Tordesilhas do terri-

tório da cerimónia, fez breve e contida incursão no território dos Apresentantes, socorrendo-se dos elementos alquímicos — terra, ar, água e fogo —, pois, como então disse, “de vultos de tal dimensão e estatura não se pode pretender (...) condensar a essência da pessoa e da obra” [BFD 86 (2010) 905-920 (918)].

Não se tratando de demonstrar o que já está demonstrado, elogiar os apresentantes pode ter um sentido útil: o de recordar aqui, aos que agora entram nesta comunidade, por direito próprio e com realista *spes*, que a passagem do rebatizado Cabo não é sinónimo de calmos mares académicos, um desembarcar em tranquilo e repousante retiro, mas o prosseguir trabalho, agora mais exigente pela atestação doutoral e seguindo o exemplo, às vezes em criativo dissenso, dos seus Apresentantes.

Lembrar feitos académicos de Mestres, na verdadeira aceção da palavra, que sobrevive a reescritas legislativas, é rememorar pedaços sab(o)(e)rosos da vida institucional. O mérito curricular transparece em dezenas de páginas que, aliás, só atestam uma parte da realidade, pois não podem dar conta da riqueza das aulas e das conversas, de uma Escola que também se tece nos corredores, no Pátio e em gabinetes, em charlas académicas ao desafio.

Antes de uma consideração mais pormenorizada e pessoalizada, permitam-me sublinhar alguns pontos em comum, mesmo quando o são na(s) diferença(s): cruzadores de fronteiras, vemo-los como lusófonos e europeus; cultivadores das artes jurídicas e/ou económicas, procurando com o bordão de “honesto estudo” aproximações à verdade e à justiça, enquanto ideais regulativos, não tropeçam na ingenuidade de uma pretensamente asséptica cientificidade.

A lusofonia exercitada é, em diferentes graus, traço comum aos Padrinhos. Não falo apenas da orientação de dissertações, da dialógica abertura a interlocutores que assumem o português como sua língua, o que poderia ser lido como uma mera *Viagem à roda da sua Faculdade*. Penso nos milhentos caminhos aéreos traçados, estabelecendo pontes lusófonas, nalguns casos com traços neobandeirantes, na reconstrução de vias que a guerra colonial perturbava, acompanhando o nascimento de novos países, ou a consoladora ascensão do Brasil, neste século XXI.

(...)

António de Avelãs Nunes assumiu durante anos a fio a pasta nuclear da cooperação, que lhe deu boas recordações humanas e burocráticas complicações. Face à séria ameaça do chicote do tempo, limitamo-nos a recordar que, nesta Sala, em 30 de Janeiro de 1985, teceu o Elogio do Presidente Tancredo Neves; em 2000, cabendo-lhe o *Elogio do Apresentante*, não deixou de se referir ao doutorando, o Presidente da República de Cabo Verde, António Mascarenhas Monteiro [BFD 76 (2000) 629-646]. Atestando o seu reconhecimento, o Brasil retribuiu-lhe homenagens a diferentes níveis, do convite recorrente a livro de homenagem, da publicação de escritos ao reconhecimento em pauta de *honoris causa*.

Em termos de investigação, para além da sua já referida dissertação de doutoramento sobre o Brasil, integralmente traduzida em castelhano e, em versão emagrecida de um capítulo, na nova *lingua franca* do mundo (o inglês), lembre-se ainda, *inter alia*, O “Milagre Brasileiro” ou o Capitalismo em Questão, em 1981, não podendo esquecer-se que vários dos seus livros conhecem edição brasileira : para além da tese de doutoramento, pense-se em *Neoliberalismo e direitos Humanos*, em 2003, ou *Uma Introdução à Economia Política*, em 2007. Este interesse pel’ *O País do Carnaval*, a recusa de uma economia e de uma sociedade que condene meninos a serem *Capitães da Areia*, junta as marcas de uma incomum história em comum, com uma crítica mais global do capitalismo, que atravessa a sua obra e que, recentemente, reafirmou em *A Crise do Capitalismo: o Capitalismo, neoliberalismo e globalização*, já pentaeditado.

O arquipélago da lusofonia é, pois, a casa onde habitam o mundo, numa língua mestiçada por encontros de fraterna sapiência, também tecida por dogmáticas escancaradas ao(s) outro(s), que reafirmam uma identidade penta-imperial. Não mais o Império das armas, mas do Espírito e da Cultura, de um direito que desenha rostos e traça sulcos, que faz comunidade de fala.

E, verdadeiramente, vale aqui uma proposição de Rogério Soares, cuja memória saudosa, nesta sua ausência presença, agora evoco, que pode ser estendida, *mutatis mutandis*, a outros cidadãos lusófonos: “brasileiro não é estrangeiro”.

Neste percurso pelo mundo, virados para o Atlântico, também importa não esquecer a localização do cais. Não referimos as raízes da nossa própria Universidade, de um saber que tem também os seus caminhos de Santiago, mas pluralizados como o continente, na diversidade das suas

línguas e das suas culturas. A Europa é ponto de convergência-divergência dos Apresentantes.

(...)

António Avelãs Nunes tem uma outra visão da Europa e abriu-se a uma outra Europa. Em 1968, publicava na *Revista de Direito e Estudos Sociais* (15 [1986] 36-181), um artigo intitulado “Alguns aspectos das reformas económicas em curso nos países da Europa socialista”. Defensor de uma Nova Ordem Económica Internacional, considera fundada a crítica de Karl Marx ao projeto da Liga Internacional da Paz e da Liberdade, de criação dos Estados Unidos da Europa (1867: cf. *A Constituição Europeia: a constitucionalização do neoliberalismo*, Coimbra, 2006, 11 n.1). Contestando o internacionalismo num só continente, tomando a sério os “famélicos da Terra”, não se revê também na leitura dominante da União Europeia que, a seu ver, privilegia a concorrência em detrimento dos direitos fundamentais (*op. cit.*, p. 83-88), abraça o monetarismo, promove a precariedade (p. 134). Mais recentemente, recorde-se, confessadamente parafraseando poeta (Álvaro Moreyra), “A [esta] Europa está toda errada. É preciso passá-la a limpo” [BCE (2012)].

Os Padrinhos têm também em comum a assunção da sua diversidade em termos de perspetivas, no quadro de uma liberdade de ensinar e de aprender tomada a sério. Com efeito, sustentam expressamente que os seus saberes não são assepticamente neutros, sem que isto signifique a sua degradação em meros resíduos ideológicos. Não há uma “perspectiva de nenhures”, antes se exige desvelar os pressupostos de que partem num quadro de pré-compreensões. Não se trata de ignorar duas vocações, *O político e o cientista* (Max Weber), mas de reconhecer a impossibilidade de uma *Wertfreiheit*.

(...)

Na economia, Avelãs Nunes reiteradamente assume essa impossibili-

dade de um saber valorativamente puro, recusando que a economia possa ser “pura ciência dos meios”, referindo-se a uma estratégia ideológica que, por exemplo, procura imunizar, sob a capa da cientificidade, as sociedades capitalistas, tentando varrer para fora das obras de *Economics* “os grandes temas da Economia Política clássica que, com Marx, começaram a pôr em causa a aspiração da ‘ordem burguesa à eternidade’” (*Introdução à História da Ciência Económica e do Pensamento Económico*, 379).

Enviam-me do Olimpo uma estranha mensagem de três letras — sms — que avisada voz descodificou como *seja mais sucinto*. Baco, que nos espera com preciosos néctares, revela já a sua impaciência, perante um cenário de um prândio irremediavelmente atrasado. Na clássica tradição grega, somos convocados para experimentar ágapes de boas carnes, reservando a ambrósia para os deuses. E, não querendo atrair sobre nós a sua ira — recordemo-nos, por exemplo, de Deméter, imortalizada em belíssima estátua do genial Bernini e das consequências desastrosas do seu desagrado, pois suspendeu a fecundidade da terra —, vou encurtar a tarefa. Até porque, apresentadas algumas linhas do currículo dos padrinhos, glosando uma abusada proposição de Wittgenstein, há que calar, mas aqui porque deles se pode falar longamente. Por outras razões e com outro objeto, sigo, naturalmente com as necessárias adaptações e moderação, a via de S. João, ao terminar, com o simbolismo do excesso, o seu — d’Out(r)o — Evangelho: “Há ainda muitas outras coisas que (...) fiz[eram]”. E, embora os necessários livros coubessem no mundo, seriam precisos dias e dias, para dar conta, em retrato de corpo inteiro, da profundidade do pensamento dos apresentantes.

